



## **Instabilidades etnográficas: os distanciamentos e seus impactos à pesquisa antropológica**

Marcos Vinícius Sales<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este trabalho reflete sobre algumas implicações e desafios para pesquisas de campo realizadas remotamente, sem a presença física do pesquisador no campo de seu interesse. O distanciamento social imposto pela pandemia de Covid-19 é entendido no plural, ou seja, enquanto distanciamentos, na medida em que não somente a circulação de pessoas sofreu alterações com o novo contexto, mas também outras nuances da vida e suas respectivas possibilidades de agir e interagir foram modificadas. Este cenário trouxe impactos significativos para etnografias e pesquisas de campo, principalmente no modo como estabelecemos relações de parceria com os interlocutores. Nas relações mediadas pelas TICs (tecnologias da informação e comunicação) em conexões, muitas vezes, instáveis e inacessíveis, é difícil a apreensão de fluxos e afetos fabricados e envolvidos nos temas de pesquisa investigados online. Nesse sentido, é necessário pensar como os distanciamentos variados estão produzindo instabilidades etnográficas e como os pesquisadores têm lidado com esta realidade. As experiências usadas como referência foram vivenciadas numa pesquisa de mestrado realizada no decorrer da pandemia de Covid-19 entre 2020 e 2021. A Etnografia e a pesquisa de campo são metodologias muito usadas nas Ciências Sociais e em outras áreas. O novo contexto social é uma oportunidade para aprender novos usos para ferramentas de pesquisa, que precisam acompanhar o momento presente. Estão sendo produzidas diversas reflexões sobre os modos de fazer e viver etnografias. Posto isso, queremos continuar os dialogando acerca de um momento que está redefinindo as maneiras de fazer pesquisa.

Palavras-chave: pesquisa de campo, distanciamentos, tecnologias, pandemia, conexões

### **Introdução**

Os anos de 2020 e 2021 estão marcados pela pandemia da Covid-19. Este período histórico já representa um divisor de águas para as sociedades em todos os cantos do mundo. O distanciamento social, medida adotada para conter o avanço da doença, trouxe inúmeros impactos para as atividades realizadas por todos em contextos anteriores. As pesquisas científicas, por exemplo, precisaram ser adaptadas para continuar com suas respectivas agendas

---

<sup>1</sup> Cientista Social (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO), Mestre em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ), Mestrando em Sociologia (PPGS/UFF) e pesquisador do programa de Estudos e políticas sobre juventudes, educação e gênero: violências e resistências da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO-BR).

de investigação, principalmente aquelas que previam interação, contato com grupos humanos e deslocamentos pelas cidades.

Na Antropologia, onde costuma-se fazer etnografia, observação participante e pesquisa de campo, os pesquisadores se defrontaram com a necessidade de utilizar as TICs (tecnologias da informação e comunicação) para prosseguir com suas rotinas etnográficas. Entretanto, são percebidos inúmeros desafios que vão muito além do manejo desses recursos. Antes da pandemia, já haviam etnografias realizadas por intermédio das TICs. Porém, essa forma de pesquisar fazia parte da rotina de pesquisadores com um interesse específico e não de todos os inseridos neste campo.

Tendo em vista a aceleração do uso das TICs para realizar etnografias, este artigo busca pensar o que é a etnografia enquanto método de investigação científica; quais são as implicações e especificidades das etnografias digitais, apoiadas por tecnologias; e, por último, relatar as experiências de uma pesquisa repensada para uma investigação online.

Refletir sobre como estamos produzindo nossas etnografias na pandemia pressupõe pensar sobre “o que estamos fazendo nós mesmos hoje?” e “quem somos nós neste momento preciso da história?”. Pesquisar é uma oportunidade de refazer nossas subjetividades e ampliar visões sobre o mundo e sobre a vida. Essas questões, que remetem à “ontologia do presente”<sup>2</sup> – tarefa constitutiva e incontornável das ciências sociais –, esbarram, em meio à quarentena, um episódio crítico e útil para ponderações, descobertas e novos alinhamentos para o futuro.

### **Etnografia em perspectiva**

*“as etnografias nos lembram que as pessoas vivem não apenas em mundos de condições materiais, mas também em universos de significados.”*

(ORTNER, 2020)

Fazer etnografia envolve uma maneira específica de pensar, experimentar e escrever. Desde a constituição da Antropologia enquanto ciência, tem-se debatido muito sobre a maneira mais adequada para o antropólogo articular essas dimensões. Nesse sentido, o campo

---

<sup>2</sup> Ver: FURTADO, Rafael N. 2015. A atualidade como questão: ontologia do presente em Michel Foucault. *Natureza Humana*. São Paulo 17(1): 144-156.

antropológico é constituído de inúmeros pontos de virada no que significa a experiência de imersão proporcionada pela etnografia.

A tradição do trabalho de campo intensivo na Antropologia é inaugurada com a publicação de *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922). O conteúdo do livro refere-se à pesquisa realizada por Bronislaw Malinowski com nativos das Ilhas Trobriand, Nova Guiné. A obra definiu boa parte dos parâmetros de pesquisa vigentes até hoje e representa um esforço em legitimar o fazer antropológico. Além da descrição das vivências e análise de seus respectivos significados, o autor faz uma discussão sobre metodologia para fundamentar o cânon da Antropologia. O empenho de Malinowski está na tentativa de reproduzir a realidade, tal como ela se apresenta através da pesquisa de campo.

Os pontos de virada dizem respeito às condições históricas de instauração e manifestação da Antropologia, isto é, os meios teóricos e práticos que transformou esse conhecimento no que é atualmente, buscando, assim, compreender o papel do pesquisador e de seus sujeitos de pesquisa no texto e no trabalho de campo. O esforço de Malinowski representou um desses grandes momentos de mudança porque, de certa maneira, institucionalizou o uso do relativismo cultural, ou seja, cada cultura deve ser vista como uma singularidade em si mesma, a partir de suas próprias matrizes, indo de encontro ao pensamento evolucionista e a prática de interpretação de relato de viajantes e missionários, a chamada Antropologia de Gabinete.

Apesar de todas rupturas, o trabalho feito em *Argonautas do Pacífico Ocidental* recebeu críticas e serviu como caminho para reformulações metodológicas na Antropologia. Assim como viu-se na Antropologia Interpretativa, Antropologia Norte-americana, Meta-antropologia, Etnografia experimental e a Antropologia pós-moderna americana<sup>3</sup>. Ambas refletem sobre como se interpretam as experiências no campo, quais são as definições de cultura, qual é o lugar do antropólogo na transcrição do texto etnográfico e as redefinições dos modos de fazer observação participante.

Longe de querer cristalizar uma definição do que significa fazer etnografia, mas com fins de ilustrar as dinâmicas envolvidas no trabalho de campo, este texto concorda que:

---

<sup>3</sup> Ver: JORDÃO, Patrícia. 2004. A antropologia pós-moderna: uma nova concepção da etnografia e seus sujeitos. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, 4(1): 35-51

fazer etnografia implica em: 1) preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura; 2) introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais; 3) preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado. (Mattos 2011: 49).

É importante refletir que os três pontos destacados por Mattos não são os únicos que precisam de atenção ao se fazer uma etnografia. Quando o pesquisador se desafia a uma investigação desse caráter, é necessário um diálogo permanente com o contexto da pesquisa, bem como uma atenção flutuante<sup>4</sup> para eleger com cautela as técnicas adequadas para realizar a pesquisa. Cada etnografia é única e se desenvolve à sua maneira, com negociações entre quem pesquisa e o que pesquisa. Mattos completa:

A utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. Os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, têm que ser formulados ou recriados para atender à realidade do trabalho de campo. (Mattos 2011: 50).

Este espaço livre para o antropólogo definir o melhor modo de fazer etnografia tem proporcionado ao campo histórias incríveis de aprendizado e experiência<sup>5</sup>. É inegável que o trabalho de campo é uma oportunidade para que o pesquisador descubra mais sobre outros universos de significados, mas também torna possível uma reflexão sobre o próprio universo do qual o pesquisador já faz parte. Este desafio, encarado por muitos desde o nascimento da Antropologia, tem garantido rupturas com o pensamento etnocêntrico e evolucionista, na medida em que algumas descobertas presentes em textos etnográficos vão circulando pelas sociedades através do tempo. Nessa medida,

a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um

---

<sup>4</sup> Stanivslasky (1970) denominou que “atenção flutuante” representa estar atento a diferentes singularidades, com capacidade de olhar, ao mesmo tempo, em diferentes planos.

<sup>5</sup> Ver como exemplo: Damatta, R. 1997; Evans-Pritchard, E. E. 2004, 2013; Foote-Whyte, W. 2005; Magnani, J. G. 2009; Mead, M. 2009.

modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente. (Magnani 2009: 135).

A riqueza deste método de fazer pesquisa, institucionalizado pela Antropologia, está muito enraizada na possibilidade de se vivenciar experiências imersivas em qualquer contexto, dos micros aos macros. De um grande projeto de cooperação público-privado para demarcação de terras indígenas<sup>6</sup> a rotinas em salões de manicure<sup>7</sup>, é possível observar aspectos pertencentes a realidade social de um determinado grupo e contribuir para o escopo teórico-metodológico da Antropologia.

No momento em que uma quantidade de indivíduos está reunida para socializar, uma ordem social é estabelecida por aquele grupo particular de indivíduos (Hymes 1977; Goffman 1981). Os comportamentos, as linguagens, as vestimentas, as crenças e os rituais fazem parte de um universo de significados do grupo e constituem unidades da investigação do antropólogo. Diferentes formas de socialização e interação acontecem em vários contextos e locais, diariamente e em escalas diferente, como vê-se em escolas, fábricas, hospitais, escritórios, shoppings, em redes sociais virtuais e onde quer que as pessoas se encontrem regularmente para socializar e interagir de algum jeito. Existe uma ética de organização e um significado que é peculiar a cada grupo em específico.

Em etnografia, holisticamente, observa-se os modos como esses grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem. O objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação. (Mattos 2011: 51).

Não é a intenção deste trabalho colocar a etnografia de forma encantada, como se fosse um simples exercício de ir a campo, estranhar, observar e descrever. Como foi dito no início desta sessão, fazer etnografia envolve uma maneira específica de pensar, experimentar e escrever. Algo que, tem sido debatido de longa data, se é possível ser ensinado nos cursos de formação. É comum ouvir de antropólogos experientes e consolidados que ir a campo e se

---

<sup>6</sup> LIMA, Ludmila M. 2000. *Se a Funai não faz, nós fazemos*: conflito e mudança no contexto de um projeto de cooperação. Tese de doutorado em Antropologia Social. Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília.

<sup>7</sup> MATOS, Manu R. 2021. *De mãos em mãos*: Uma etnografia de manicures na cidade de Florianópolis. 2021. 94 f. Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Ciências Sociais. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina.

colocar em observação participante sempre suscita novas reflexões para quem faz pesquisa. Isso confirma que cada etnografia é única ao seu modo e se relaciona profundamente com as condições particulares de cada contexto e do tempo histórico em que ela é realizada, ou seja, fazer uma etnografia é uma ideia instigante, entretanto não deixa de ser um grande desafio.

Para o antropólogo, ela [a etnografia] não é nem um objetivo de sua profissão, nem um remate de sua cultura, nem uma aprendizagem técnica. Representa um momento crucial de sua educação, antes do qual ele poderá possuir conhecimentos descontínuos que jamais formarão um todo, e após o qual, somente, estes conhecimentos se “prenderão” num conjunto orgânico e adquirirão um sentido que lhes faltava anteriormente. (Leví-Strauss 1991: 415-416).

A análise de Lévi-Strauss reflete sobre a capacidade da etnografia construir significados. Não se trata, tão somente, de se colocar num outro universo e descobrir sobre a alteridade investigada. É também parte constituinte da experiência etnográfica o estabelecimento de elos entre conhecimentos prévios e conhecimentos adquiridos, de modo que estes assumem nova forma após a etnografia.

É importante que o pesquisador esteja em sintonia com a produção de conhecimento na Antropologia sobre este tema, já que as questões envolvidas numa experiência etnográfica nunca estão postas. É fundamental ir a campo com leituras prévias sobre etnografia para aguçar nossa percepção das dinâmicas que atravessam o contexto pesquisado tornando possível o que Geertz (1978) determina como descrição densa – modo de traduzir as informações obtidas numa experiência etnográfica. O antropólogo descreve seu campo de estudo nas suas diversas particularidades, considerando pequenos fatos que fazem parte do contexto investigado. Sendo necessário falar não só dos fatos em si, mas da ação social destes fatos. Em suas palavras,

praticar etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” (Geertz 1978: 15).

A atenção ao escrever, sumarizar, sistematizar os dados etnográficos também exige cuidado. Os textos etnográficos expressam valores, ideias, sensibilidades, enfim, “estruturas de significados e pensamentos”, às vezes muito mais relacionados aos antropólogos do que aos nativos em cena. (Rocha 2006: 108). Por isso, é crucial que, ao traduzir uma etnografia em

texto, estejamos cientes do nosso lugar no mundo enquanto pesquisadores/autores, para contar o que se observou cientes de quem nós somos.

Nessa medida, a etnografia não é tão somente uma estratégia de trabalho de campo com fins à descrição das culturas nativas em termos de performances textuais. Este texto também traz à luz as experiências dos antropólogos. A etnografia, então, incorpora um modo de ação reflexiva na qual, por meio da escrita transformada em narrativa, personagens são acionados, verdades relativizadas, sentimentos ritualizados, enfim, culturas são inventadas. (Rocha 2006: 108).

### **“Tão longe, mas tão perto?”**

A etnografia em contextos virtuais não é uma novidade da pandemia. Desde o surgimento de redes sociais virtuais e a ampliação dos usos das tecnologias da informação e comunicação existem antropólogos colocando em prática etnografias digitais e/ou medidas pela internet. Apesar dessa realidade, a etnografia realizada *in loco*, ou seja, nos lugares habitados por grupos pesquisados, ainda causa grande encantamento e prevalece em relação às pesquisas em redes digitais. Mesmo que Lévi-Strauss tenha anunciado o “fim” das viagens, é impossível negar que a “viagem etnográfica” do antropólogo profissional consiste num dos momentos especiais do trabalho de campo, já que no percurso ao campo, o pesquisador se desfaz e se refaz, encarando novos papéis e comportamentos.

O antropólogo, ao deslocar-se de sua sociedade para outra distante, objetiva apreender, sem mediações (viajantes, missionários, militares e outros), a realidade concreta, como pontua Marcel Mauss (2003, p. 311), busca-se “fazer como eles, [os historiadores]: observar o que é dado.” Para estudar o concreto, é preciso “estar lá”, é preciso ver de perto o “nativo” e compartilhar, em algum nível, suas rotinas. A viagem deixou de ser somente uma aventura ou experiência exótica para tornar-se uma estratégia fundamental no processo de institucionalização do trabalho de campo e, portanto, de disciplinarização da antropologia.

O resultado é, após o antropólogo ter experimentado situações limites de convívio social com o “outro”, uma mudança de sua posição social, acompanhada de uma profunda operação cognitiva. Ao final do processo é a própria percepção, os sentidos, os valores, enfim, o “ponto de vista” do antropólogo que se modifica. Pode-se vislumbrar um verdadeiro processo de “educação dos sentidos” cujo resultado é a formação de uma refinada sensibilidade antropológica. (ROCHA 2006: 102).

É importante pontuar que a viagem antropológica, a muito tempo, deixou de ser entendida como um percurso à uma sociedade distante e isolada. Gilberto Velho, em seu livro “Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea” (1987) reflete no capítulo “Observando o Familiar” a capacidade que devemos desenvolver, enquanto pesquisadores em Antropologia, de estranhar contextos que nos são conhecidos.

Com as viagens/percursos antropológicos e o trabalho de campo, sejam longe ou perto, inviabilizados pelos distanciamentos trazidos pela pandemia, muitos de nós, pesquisadores, se viram profundamente afetados e obrigados a adequar as agendas de pesquisa a um momento presente. Por isso, cabe refletir sobre os significados de etnografias digitais e como suas possibilidades podem ser aliadas quando estamos pesquisando.

Assim como foi dito, as etnografias em redes virtuais e internet não começaram com a pandemia. Mesmo antes deste contexto já haviam discussões férteis<sup>8</sup> sobre o tema. É comum encontrarmos as denominações para o trabalho de campo através web: como netnografia, etnografia virtual, webnografia e ciberantropologia. Nas sociedades contemporâneas é, praticamente, impossível desconectar as redes digitais do contexto cultural, a ponto de não existir fronteiras rígidas entre o *offline* e o *online*. Isto exige a reavaliação da aplicação dos métodos de pesquisa e de coleta de dados para acompanhar os desdobramentos das novas configurações das mídias digitais e dos modos de existir nesses espaços. As experiências no ambiente on-line devem ser consideradas como concretas e reais, representando os modelos contemporâneos de vida. Mais que um campo de interação social, as mídias em rede on-line produzem e reproduzem comportamentos, valores e preceitos do controle desempenhado pela cultura a que estão submetidas. (FERRAZ 2019: 53).

Latour (2012: 44) sugeriu pensar a emergência de uma “teoria do ator rede” para os estudos dos usos sociais da tecnologia. Mesmo antes das TICs adquirirem uma totalidade na comunicação das sociedades de hoje, o autor sublinhou a importância de perceber os significados surgidos a partir das relações estabelecidas entre humanos e tecnologias. Ignorar a inserção humana no universo digital como extensão da vida material, bem como as expressões de múltiplas esferas das relações sociais nas redes é desprezar o fenômeno social da nossa era

---

<sup>8</sup> Ver: POLIVANOV, Beatriz. 2013. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Revista Esferas*, 2(3): 61-71.



e tornar perecíveis os métodos antropológicos tradicionais por supostamente não darem conta de explicar as culturas intoxicadas pelas tecnologias. (FERRAZ 2019: 48).

Essas considerações nos auxiliam a refletir sobre como as etnografias em contextos de redes sociais virtuais e internet são tão importantes e necessárias quanto às que fazemos no presencial, na medida em que grande parte da vida humana tem acontecimento em conexões no mundo da internet. Este universo *online* está repleto de questões e temas de pesquisa que seriam muito bem desenvolvidos numa investigação antropológica. Afinal, a função do etnógrafo vai muito além de simplesmente reportar os eventos e experiências observados; cabe ao etnógrafo explicar como essas experiências e dinâmicas sociais constituem teias de significado e como essas teias se alinham numa cultura.

Mesmo aqueles temas pensados para uma investigação *in loco*, muitos antropólogos têm usado a internet como aliada para um contato preliminar. As redes sociais e o universo da internet têm permitido que os pesquisadores não cheguem no campo *crus*, ou seja, sem nenhum tipo de informação prévia. Pelo acesso à conexão on-line é possível a observação e o contato, garantindo uma base preliminar. A busca on-line tem sido a primeira fonte para a maioria dos objetos de estudo. Assim temos construído repertórios formados por informações básicas do grupo investigado e experiências etnográficas que servem de inspiração.

### **Incertezas e nebulosidades numa experiência em etnografia digital:**

Em 2019, durante o primeiro ano do mestrado em Planejamento Urbano e Regional no IPPUR (Instituto de Planejamento Urbano e Regional - UFRJ), propus no projeto de pesquisa que conduziria a construção da dissertação o uso da etnografia (observação participante) como metodologia de pesquisa.

Meu tema dizia respeito às manifestações nos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro realizados por um dos principais representantes do movimento sindical, a CUT (Central Única dos Trabalhadores) e a pergunta estabelecida para guiar a investigação foi: quais são os signos (significado, significante e sentido) construídos para a memória política e para o espaço urbano da cidade pelas manifestações públicas. A ideia era encontrar uma espécie de legado deixado para a cidade pelas manifestações organizadas pelos movimentos sociais. Foram recortados

para a pesquisa a Candelária, a Cinelândia e a Central do Brasil, importantes espaços públicos do Rio de Janeiro.

Ao escolher este tema, tinha convicção que em 2020 haveria diversos acontecimentos desse tipo no Rio de Janeiro. Afinal de contas, não é de hoje que se vê manifestações públicas na cidade, principalmente em momentos de acirramento político. Muitas das conquistas sociais importantes para a democracia brasileira são resultados da aglutinação de pessoas num espaço público para exigir mudanças e expressar seus descontentamentos num corpo coletivo.

Especialmente neste capítulo da história brasileira, percebia que o governo do atual presidente Jair Bolsonaro seria marcado por atos dessa natureza, já que sua proposta de governo e respectivas ações estão totalmente desalinhadas da proposta de sociedade defendida pelos movimentos sociais progressistas – os que mais fazem da ocupação dos espaços públicos urbanos como estratégia de transformação social.

De forma muito encantada e otimista, previa que minha pesquisa encontraria muitos materiais para discutir e analisar. Viajar pela cidade, participar das manifestações, encontrar e conhecer pessoas me parecia um cenário muito promissor para desenvolver minhas capacidades enquanto pesquisador e cidadão. Me deslocar pelo Rio de Janeiro para pesquisar e não como um mero transeunte, naquele momento, me parecia a melhor forma de renovar meu ânimo com a vida acadêmica. Afinal, o primeiro ano no curso de mestrado, totalmente formativo, pode ser muito desgastante e cansativo na medida em que estamos voltados para a conclusão de créditos obrigatórios e temos outras exigências.

Indo ao encontro do que Magnani (2009) diz sobre a cidade, este espaço pode ser muito desafiador e estimulante para quem volta seu olhar analítico para ele:

a cidade, mais do que um mero cenário onde transcorre a ação social, é o resultado das práticas, intervenções e modificações impostas pelos mais diferentes atores (poder público, corporações privadas, associações, grupos de pressão, moradores, visitantes, equipamentos, rede viária, mobiliário urbano, eventos, etc.) em sua complexa rede de interações, trocas e conflitos. Esse resultado, sempre em processo, constitui, por sua vez, um repertório de possibilidades que, ou compõem o leque para novos arranjos ou, ao contrário, surgem como obstáculos. (Magnani 2009: 132).

Empreender uma etnografia sobre a ocupação dos espaços urbanos por movimentos sociais no Rio de Janeiro era, na minha perspectiva, a melhor maneira de amadurecer enquanto

pesquisador. Esta seria a oportunidade de aguçar os sentidos e traduzir as vivências num caderno de campo. Assim como Mattos (2011: 54) aponta, a etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo, ou seja, o trabalho de campo pressupõe uma articulação das técnicas de pesquisa e nossas sensibilidades, uma atenção plena ao que se vive e ao que se vê. Existe forma melhor de um jovem pesquisador amadurecer do que no próprio campo? Há muito a se pensar.

Este cenário investigativo foi alterado pela pandemia da Covid-19. Em março de 2020, diversas cidades brasileiras decretaram o distanciamento social com objetivo de conter a disseminação do novo coronavírus. Isso significou manter aberto apenas os serviços essenciais (mercados, hospitais e farmácias), fechar as portas de instituições de ensino, comércios e espaços de lazer e, principalmente, proibir eventos que provocam aglomeração de pessoas.

Neste momento, todos nós ficamos profundamente impactados com a rapidez que a doença se alastrou pelo mundo. Diariamente vimos o número de óbitos atingir níveis alarmantes e o mundo parar. Especificamente no Brasil, o governo federal tardou a estabelecer medidas de contingência para a população segura em casa, o que contribuiu para que mais vidas fossem perdidas. É importante pontuar que o descompromisso do governo federal com a pandemia persiste até hoje, quase dois anos depois do início, com comportamentos negligentes, pronunciamentos desrespeitosos, negacionismo científico e descompromisso com ações efetivas para a população (auxílio emergencial e vacinas).

Foi necessário repensar as agendas de pesquisa – um dos grandes desafios e frustrações. Já que não era possível transitar pela cidade e as ocupações do espaço público estavam suspensas a perder de vista, foi necessário delinear novas estratégias para viabilizar a investigação. Esta tarefa tão importante foi uma das mais difíceis e dolorosas. Primeiro: me parecia tão irrisório pensar em como continuar uma pesquisa num contexto de tantas vidas perdidas e incertezas quanto ao futuro da sociedade. Segundo, as aflições, ansiedades, desânimos e tristezas geradas pelo contexto impedem que se consiga pensar em como continuar a fazer o que tinha sido planejado antes. Nesta etapa, foram gastos alguns meses para entender a individualidade histórica que cercava e ainda cerca o mundo.

Durante este tempo, em minha mente, constantemente ecoava a questão: como fazer trabalho de campo? Fiquei bastante inseguro com as readaptações que precisei elaborar para a

pesquisa de dissertação. Existia em mim uma falta de confiança nas minhas capacidades investigativas e a sensação que minha pesquisa não me levaria a lugar nenhum. Ao construir o projeto em 2019, propus uma espécie de etnografia corpórea, que pressupõe se fazer presente no espaço e mobilizar todos os sentidos para aguçar a percepção da realidade investigada.

Este trabalho faria um grande diferencial na minha dissertação, pois visitar os locais que pesquiso me permitiria conversar não só com integrantes da Central Única dos Trabalhadores que utilizam os espaços públicos urbanos quando precisam se manifestar, mas também seria possível ouvir as versões daqueles que estão dispostos no entorno e que têm seus cotidianos afetados por eventos que não são parte da rotina. Poderiam ser comerciantes, ambulantes, trabalhadores, turistas e outros transeuntes.

Já que estar presente nos espaços da cidade não foi possível, a internet precisou ser aliada para viabilizar a continuidade da agenda de pesquisa. Por isso, se tornou fundamental acompanhar a Central Única dos Trabalhadores pelas redes sociais e observar o que eles estão fazendo no momento presente a partir do que se entende como “presencial online”, já que as lives, discussões e fóruns continuam ativos e demandam organização similar às atividades presenciais.

É claro que se o contexto não fosse de pandemia, este trabalho de acompanhamento das redes virtuais seria realizado, mas não com tanta profundidade como realizado por causa dos distanciamentos. Pelas redes sociais, busquei investigar como as suas ações foram traduzidas para o espaço virtual e como também estão lidando com as restrições de movimento. Além disso, percebi que este acompanhamento não poderia se dar à distância do movimento. É importante participar das atividades, mas também contribuir com as ações e estratégias que a Central Única dos Trabalhadores está realizando, com o objetivo de ser útil aos meus interlocutores. Ser útil é uma dica que serve tanto para as etnografias realizadas *in loco*, quanto para as realizadas online. É o real significado de observação participante.

Quando estou fazendo um trabalho de campo e tentando alavancar minha observação participante, geralmente, eu e meus estudantes apenas tentamos ser, de fato, úteis. Podemos oferecer ajuda para construir barcos em uma vila tropical. Podemos nos oferecer para cuidar das crianças, para que alguém possa cozinhar. Assim, gradualmente, começa-se a conhecer pessoas e outras formas de participação se abrem. Acho que exatamente a mesma abordagem deve funcionar para uma etnografia on-line. Ou seja, você principia dizendo como pode ser útil. Trata-se de uma situação em que todo mundo está

realmente ficando online em um nível sem precedentes e você está compartilhando desse problema. Então, compartilhe-o. (MILLER 2020).

Se a pesquisa fosse realizada da maneira como foi pensada no início, acredito que minha inserção nas atividades da CUT seria mais fácil. Por vezes senti, ao acompanhar as atividades, que o movimento estava fechado a novos integrantes. Primeiro porque, nas redes sociais, os eventos em formato de lives eram organizados de forma muito institucional e centralizada por lideranças da organização, diferente de um ato que é estruturado a partir de uma organização prévia feita por dirigentes e lideranças, mas que, enquanto acontece, qualquer interessado pode pôr a mão na massa e contribuir pintando um cartaz ou distribuindo panfletos.

É importante ponderar que esse tipo de atitude do movimento para com novos integrantes, durante a pandemia, está inserido num contexto de perseguição dos movimentos sociais, no qual eventos online, grupos de WhatsApp e perfis nas redes sociais são invadidos e derrubados. Ouvi, por muitas vezes, relatos de pessoas infiltradas para captar informações, descontextualizá-las e produzir Fake News<sup>9</sup>.

A preocupação da CUT em não facilitar a entrada de novos agentes no movimento sem conhecer seus antecedentes, estabelecer relações e constatar o envolvimento desses sujeitos nas ações é resultado dessa maneira atual de manifestação dos antagonismos, em que não há limites para detração, notícias falsas e cancelamentos. Nesse sentido, por vezes, senti que a minha contribuição eram os compartilhamentos e likes nos materiais divulgados nas redes da CUT e a participação, como ouvinte, de lives de análise de conjuntura e/ou palestras. Este acompanhamento demandou muito cuidado, já que o volume de informações produzidas e a velocidade em que circulam podem ocasionar uma perda na compreensão do etnógrafo. Os excessos de informações e a grande superficialidade desta multiplicidade dos dados em rede exigem ainda mais a extensão do olhar da Antropologia e seus métodos tradicionais.

Mesmo desta forma menos ativa, julgo importante esta participação para estabelecermos relações de confiança e conversar sobre as manifestações que já passaram, visto que não haviam manifestações previstas para os espaços públicos urbanos. Os vínculos são fundamentais para que as entrevistas aconteçam e fluam confortavelmente para os que participam. As relações de

---

<sup>9</sup> DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas CL. 2018. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. *Media & Jornalismo*, 18(32): 155-169.

amizade que transcendem as relações de pesquisa ajudam a criar um espaço de intimidade e identificação, no qual o sujeito que fala se sente à vontade e interessado em contar suas narrativas sobre os acontecimentos que viveu.

No mundo virtual, senti que criar este espaço de intimidade e estabelecer laços de confiança é muito mais trabalhoso, na medida em que tudo parece muito efêmero e sem concretude. Quando estabeleci contato com integrantes da CUT através da indicação de um conhecido, a maioria dos entrevistados não se sentiram confortáveis de realizar videochamadas. As justificativas são: agendas apertadas, cansaço do home office, desconforto diante das câmeras e preferência pelo uso do WhatsApp.

Entre os obstáculos de pesquisa etnográfica plataformizada estão, a menor autonomia do/a pesquisador/a em contatar os/as interlocutores/as, pois depende da disponibilidade voluntária dos usuários em responder formulários sem a presença direta do/a pesquisador/a mediando esse primeiro acesso. Se no presencial podemos iniciar um diálogo e firmar uma relação de confiança mútua, nas plataformas digitais essa comunicação se dá através de softwares de mensagem instantânea, que podem não ser visualizadas pelos remetentes ou não causar efeito de interesse, caindo no esquecimento na caixa de entrada. (Campos 2020: 7).

Dialogar com os parceiros de pesquisa constituiu um dos pontos mais complicados do processo de construir a dissertação, transformar perguntas que se desdobraram em longas conversas em perguntas mais simples para serem respondidas por áudios de WhatsApp. Em seguida, precisei fazer um exercício de percepção dos meus parceiros de pesquisa para saber com quais deles eu poderia continuar conversando caso surgissem dúvidas a respeito das respostas fornecidas. Numa conversa/entrevista presencial os sinais fornecidos para essa percepção são mais visíveis: o olhar, o gesticular, o tom da voz e o nível de elaboração nas respostas.

Nas entrevistas remotas, o olhar do/a pesquisador/a enxerga o que a webcam do/a participante capta. Com a utilização do telefone celular a zona de observação se torna apenas o rosto do/a interlocutor/a e, no WhatsApp, se tem menos ainda, apenas a voz de quem fala ou o texto. Ou seja, não é possível detectar o contexto do local onde a pessoa está situada e, muito menos, suas expressões e reações diante das questões propostas. Nessa medida, alguns métodos de coleta de informações podem perder força com o uso de videoconferências, pois o recurso

não dá conta de transpor todas as ações do presencial para o virtual sem alterar os seus sentidos e eficácia.

A tradução das descobertas realizadas no trabalho de campo também é um ponto que precisa ser refletido. Se construir um caderno de campo em etnografias tradicionais já constitui um grande desafio, nas etnografias virtuais o desafio parece ainda maior, na medida em que o volume de dados é intenso e o filtro antropológico para se ponderar sobre o que registrar ainda não estava tão aguçado no momento da pesquisa.

Este processo de escrita é parte fundamental na etnografia, já que Geertz (1978) põe em destaque a importância da experiência e da escrita na definição da própria etnografia. Afinal, a etnografia está, inextricavelmente, presa ao campo da escrita. Este tipo de texto guarda a memória da experiência etnográfica na forma textual. Longe de ser uma tarefa simples, a escrita etnográfica pressupõe um compromisso ético com os interlocutores, o que eles dizem sobre si mesmos e suas interpretações sobre o contexto em que se inserem. Nas palavras de Mattos:

Ao tentarmos escrever sobre o outro, o ethnoe, de uma maneira em que o ponto de vista dele seja considerado, estamos tocando num ponto frágil da utilização da abordagem etnográfica: a tentativa de fazer sentido, das maneiras de organização dos outros de um modo que não seja comprometedor, não seja invasor, não seja discriminatório, não seja opressor, ou não seja excludente. (Mattos 2011: 65).

Num trabalho de campo em que as interações possíveis estão limitadas por instabilidades etnográficas (o contexto social pandêmico, a falta de alinhamento nas agendas, constrangimento quanto a ligar a câmera, relações de confiança pouco sólidas, textos e mensagens que não captam todas as dimensões das reações humanas diante de determinados temas, conexões precárias, falta de acesso a equipamentos eletrônicos e, principalmente, respostas pouco elaboradas sobre os temas colocados na entrevista), escrever sobre os achados da pesquisa e as impressões transmitidas pelos sujeitos que participam reforça uma dificuldade muito presente nesta etapa para todos os pesquisadores que se propõe a realizar etnografias, a saber:

A irônica dificuldade deste trabalho é que, a priori, nunca conseguiremos dar conta desta tarefa - descrever o outro sob o ponto de vista dele mesmo. Portanto, genericamente é frustrante e insatisfatório o trabalho de pesquisa etnográfica. Essa ironia deve motivar a meditação para os pesquisadores, mas

é o reconhecimento deste dilema que nos impulsiona na tentativa de sua superação. O reconhecimento desta limitação não deve, porém nos imobilizar ou criticar radicalmente. Este tipo de abordagem, ao contrário, reconhece os pontos frágeis de um paradigma científico de investigação indicando quando podemos melhor utilizá-la em nossas pesquisas. (Mattos 2011: 65).

Na experiência relatada neste artigo, senti que as dificuldades de fazer pesquisa de campo e escrever sobre as experiências e sobre os interlocutores foram redimensionadas e adquiriram uma proporção maior do que poderia imaginar. Na pequena trajetória que tenho usando esta maneira de pesquisar, escrever nunca foi fácil e, nesse sentido, aprendi que é preciso dedicar tempo considerável para esta etapa. A falta de elaborar um caderno de campo e o despreparo para proceder uma investigação através da internet foram, sem dúvidas, impasses que mobilizaram horas de reflexões.

Com a pandemia e o tempo investido na readequação da pesquisa, as etapas seguintes envolvidas no processo de pesquisa foram encurtadas para cumprir os prazos estabelecidos pelas intuições a que estava vinculado. Este vínculo institucional não está fora da equação que sintetiza a prática investigativa de um pesquisador. Dessa maneira, o resultado obtido com esta dissertação despertou algumas elucubrações exploradas neste breve artigo, mas outras tantas que vão permear as próximas experiências em campo, seja ele físico ou virtual.

### **Novas direções etnográficas:**

Este artigo procurou entender alguns processos envolvidos na realização de uma etnografia em contextos virtuais, através da internet. Para dar cabo desta reflexão foram pontuados aspectos que fazem parte do universo etnográfico, bem como aspectos que integram as etnografias digitais. Trouxe como ilustração minhas experiências ao realizar uma pesquisa mediada pelas TICs que, a princípio, foi desenhada para ser feita *in loco*, ou seja, no local habitado pelos meus interlocutores.

O processo de readequação da pesquisa inicial, imposto pela pandemia da Covid-19, provocou diversas inseguranças e instabilidades à prática etnográfica. Os distanciamentos vivenciados no contexto atual transformaram a prática etnográfica pretendida, numa experiência etnográfica, no sentido estabelecido por Magnani (2009, p. 136) quando diz que se deve distinguir entre “prática etnográfica” de “experiência etnográfica”: enquanto a prática é programada, contínua, a experiência é descontínua, imprevista.



A pandemia nos colocou em isolamento e o distanciamento social passou a integrar a rotina de todos nós. Entretanto, é crucial entender este distanciamento no plural, ou seja, enquanto distanciamentos, na medida em que não estivemos separados só fisicamente. São flagrantes as tristezas, as ansiedades, os medos, as inseguranças, os esgotamentos que permeiam nossas atividades e afetam intensamente a prática científica, principalmente nas Ciências Humanas, nas quais as dinâmicas são travadas, de ponta a ponta, por pessoas.

Esses distanciamentos e instabilidades provocaram inúmeras ponderações sobre os significados de fazer pesquisa. Contudo, algumas provocações permanecem as mesmas, por exemplo, quando Faria (2020) diz que a experiência etnográfica é marcada exatamente por esse sentimento de se estar à deriva. Fazer etnografia é, nesse sentido, um estado de dúvida que serve de motor para que o pesquisador caminhe em direção a descobertas ou, até mesmo, novas perguntas. A etnografia é, ela mesma, uma chave metodológica para se penetrar no coração do pensamento e da prática antropológica. (Rocha 2006: 112).

Uma das formas possíveis de lidar com todas as problemáticas surgidas neste contexto e criar motivações para o trabalho de campo, são os espaços de compartilhamento de experiências e inseguranças com colegas da área que vivenciam situações semelhantes. Quando tive oportunidade de encontrar, virtualmente, meus colegas de mestrado e ouvir seus relatos sobre os impactos da pandemia nas suas pesquisas, que versam sobre diferentes temas, senti-me mais confiante em levar a frente, mesmo com dificuldades, minhas tarefas de investigação.

Estes espaços para divisão das dificuldades, nos quais trocamos saberes, compartilhamos dicas, estratégias e descobertas em campo não fazem, apenas, parte do método, como são também uma alternativa promissora para nos articularmos enquanto coletivo. Muitos de nós não fomos preparados para lidar com as novidades técnicas que podem auxiliar as tarefas de pesquisa ou como devemos proceder nos casos em que precisamos transpor nossas atividades para o universo online.

A mediação entre pesquisador e pesquisado sempre se fará presente de algum modo, mas, os ambientes digitais têm características próprias, têm gramáticas e linguagens próprias que não podem ser perdidas de vista. Desse modo, observar uma lista de discussão na internet ou uma comunidade virtual em um site de rede social trará dados materialmente distintos (como textos escritos, emoticons, imagens e links publicados pelos usuários, por exemplo) daqueles coletados em encontros presenciais. (Polivanov 2013: 65).

Existem questões éticas e metodológicas pertinentes às etnografias virtuais que não integram os currículos de formação, cabendo a cada pesquisador se instrumentalizar de forma autônoma. Faz-se necessário que esses conhecimentos estejam enraizados nos cursos de metodologia, a fim de familiarizar os estudantes com o léxico pertinente a esta forma de pesquisa.

## Referências

CAMPOS, Évilin. 2020. Pesquisa etnográfica em contextos digitais e de isolamento social: Desafios metodológicos. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. In: *43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*.

DA MATTA, Roberto. 2019. O Ofício de Etnólogo ou como ter “Anthropological Blues. In NUNES, Edson. (org.). *A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão e Improviso e Método na Pesquisa Social*. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond. 23-35.

FARIA, Louise. 2020. *Etnografia na Pandemia: algumas experiências de Trabalho de Campo*. UFRGS. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/etnografia-na-pandemia-algumas-experiencias-de-trabalho-de-campo-1>. Acesso em 10 nov. 2021.

FERRAZ, Cláudia. 2019. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, 12(35): 46-69.

GEERTZ, Clifford. 1978. *A interpretação das culturas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

GOFFMAN, Erving. 1982. *Forms of talk*. 1. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

HYMES, Dell H. 1977. Qualitative/Quantitative research methodologies: a linguistic perspective. *Anthropology & Education Quarterly*, 8(3): 165-176.

JORDÃO, Patrícia. 2004. A antropologia pós-moderna: uma nova concepção da etnografia e seus sujeitos. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, 4(1): 35-51.

LATOUR, Bruno. 2012. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. 1. ed. Salvador: EDUFBA-EDUSC.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1991. *Antropologia estrutural*. 1. ed. São Paulo: UBU Editora.

MAGANI, José C. 2009. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, 15(32): 129 – 156.

MATTOS, Carmem. 2011. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, Carmem; CASTRO, Paula. (orgs.) *Etnografia e educação: conceitos e usos*. 1. ed. Campina Grande: EDUEPB.

MAUSS, Marcelo. 2003. *Sociologia e Antropologia*. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify.

MILLER, Daniel. 2020. Notas sobre a Pandemia: Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social, por Daniel Miller. *LabeMus*, 23. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller/>. Acesso em 10 nov. 2021.

ORTNER, Sherry B. 2020. Sobre o neoliberalismo. Tradução Chiara Albino & Jainara Oliveira. Revisão Técnica Ariel David Ferreira. Dossiê Razão neoliberal e processos de subjetivação em perspectivas socioantropológicas. *Sociabilidades Urbanas* - Revista de Antropologia e Sociologia, 4(11).

POLIVANOV, Beatriz. 2013. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Revista Esferas*, Brasília, 2(3): 61-71.

ROCHA, Gilmar. 2006. A etnografia como categoria de pensamento na Antropologia moderna. *Cadernos de Campo*, 14/15: 99 – 114

STANISLAVSKI, Constantin. 1970. *A construção da personagem*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

VELHO, Gilberto. 1987. *Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.